Desconstruindo Woody

Antônia Martinho, João Cavalcanti, Juliana Rocha e Paula Lobato

Imagine um personagem: 67 anos, claustrofóbico, *workaholic*, morador da *Big Apple*, de ascendência judaica e cuja família perdeu tudo no *crack* da bolsa de 29. Agora imagine outro: clarinetista amador, casado cinco vezes e divorciado quatro, um dos mais prestigiados cineastas do mundo e um dos poucos, senão o único cineasta americano responsável por todo o processo de produção dos filmes que escreve e dirige, sem intervenções do mercado ou das companhias cinematográficas. Parece mentira, mas os dois personagens são facetas de Allan Stewart Konigsberg, mais conhecido pela alcunha criada por ele próprio: Woody Allen.

Pode-se dizer que Allen é ao mesmo tempo tudo que a indústria americana espera de um diretor e tudo que ela não espera de um roteirista. Com 37 anos de carreira, dirigiu 34 dos 43 roteiros de sua autoria produzidos por Hollywood, quase um por ano. O conteúdo de seus roteiros, entretanto, nem sempre é compatível com as expectativas dos produtores. Woody Allen ironiza a si próprio, ironiza Hollywood, o cinema, a Academia que premia o Oscar e a psicanálise, sempre de uma maneira inteligente, reflexiva e invariavelmente auto-analítica. Prova disso é que dos 50 filmes em que participou na frente das câmeras, em 12 interpretou Woody Allen. E nos restantes, caricaturas de si próprio.

Woody acaba fazendo um humor refinado a partir de si mesmo, denunciando sua nostalgia pela beleza física, um senso de machismo tradicional, aceitação intelectual e fracassos no casamento.

Desconstruindo Harry, de 1997, mostra um escritor, descendente de judeus, herdeiro de algumas "ex" de relacionamentos problemáticos, com crises de criatividade e conflitos com seu analista. Parece alguém? Pois é. Woody costuma dialogar publicamente com suas aflições, seus traumas e tabus, sendo ele mesmo ou se emprestando a algum personagem.

Apaixonado pela Grande Maçã

Woody Allen nasceu em 1º de dezembro de 1935, no Bronx, e passou sua infância no Brooklin, bairros periféricos de Nova Iorque, cenários que lhe foram bastante úteis para consolidar sua personalidade como cronista social. Manhattan era a referência distante da prosperidade, da grandeza e do luxo. Foi à ilha pela primeira em 1941, aos 6 anos, e ficou impressionado pela cidade logo que saiu do metrô. Chamava-lhe atenção o fato de, ao contrário do que acontecia nos subúrbios, os cinemas da *Big Apple* não exibiam filmes pornográficos. Os letreiros coloridos e luminosos das salas de cinema

Helena Rocha: "para Woody, os filmes são mecanismos para minimizar seus traumas"

de Manhattan ofereciam películas em que era possível conferir interpretações de Humphrey Bogart e Clark Gable.

Esse fascínio do menino pobre diante de Nova Iorque continuaria sendo reciclado nos filmes de Woody. Manhattan é o cenário de quase todos os seus filmes, e, curiosamente, para uma pessoa tão acostumada às contestações, apenas o brilho de Nova Iorque costuma ser representado em seus filmes. O inconsciente de um artista, por mais que ele sinta controlar sua arte, às vezes sobrepuja o que ele realmente deseja causar com ela.

Se Allen é uma personalidade que em geral não respeita convenções, um dos seus pouco criteriosos protocolos foi quebrado este ano, quando o cineasta deu as caras na premiação do Oscar pela primeira vez, mesmo depois de tantas indicações e algumas estatuetas. O diretor não foi receber um prêmio, apresentar indicados ou fazer "social". Mobilizado pela única coisa que parece realmente mobilizá-lo, Allen foi à cerimônia apresentar um clipe sobre Manhattan produzido pela Academia, composto por cenas passadas na ilha, em homenagem às vítimas do atentado que atingiu Nova Iorque em 11 de setembro de 2001.

Psicanaliticamente correto

Allen é um especialista em auto-retratos. Em seus filmes, questiona constantemente sua capacidade de se compreender, aproveitando a ocasião para provar que entende mais a si próprio do que seus ex-analistas, debochando de seus traumas. Segundo a psicanalista e cineasta amadora Helena Martinho da Rocha, Woody Allen só fala abertamente de seus problemas e anseios por ter um profundo auto-conhecimento e ter criado, sozinho, mecanismos para minimizar seus traumas, inclusive através dos filmes. "As brigas de seus pais são a melhor explicação para o temperamento de Woody, para o fato de ele nunca perder a paciência. Ele quase nunca eleva o tom de voz", explica.

Helena atribui às experiências desastrosas com babás e ao relacionamento violento dos pais o comportamento um tanto "excêntrico" do cineasta. Além de alguns estudos sobre o autor, Helena também coleciona, com orgulho, a lembrança do dia em que conversou com Woody Allen no *pub* onde ele toca clarinete todas as segundas-feiras. "Fui falar com ele na cara-de-pau mesmo", conta ela. A psicanalista afirma que o interesse foi mútuo e que ficaram falando "sobre a vida" por mais de uma hora.

Woody acaba fazendo um humor refinado a partir de si mesmo, denunciando sua nostalgia pela beleza física, um senso de machismo tradicional, aceitação intelectual e fracassos no casamento. Mas quem não acha a menor graça das suas obsessões e neuroses são algumas das suas ex-mulheres, principalmente Mia Farrow. Ele e a atriz foram casados durante 13 anos e ela foi sua musa em diversos filmes, mas o final da história não foi feliz. A separação do casal foi provocada pelo escândalo do romance de Woody com a filha adotiva de Mia, Soon-Yi Previn.

A atriz travou uma batalha judicial pela guarda dos filhos e acusou o ex-marido de abusar sexualmente da filha Dylan. Em dezembro de 1996, durante uma disputa pela custódia da menina, ele foi impedido de visitar a criança. Woody e Mia Farrow, têm três filhos: Satchel Farrow, que é filho biológico do casal e Moses Farrow e Dylan Farrow, que foram adotados.

"Hoje Woody Allen não tem mais o que contar".

Marcio Motokane

Woody Allen: autor, ator e personagem

A batalha do o ex-casal acabou nas telas, no filme *Maridos e esposas*. E anos depois da separação, Mia publicou um livro falando sobre seu relacionamento com o cineasta. A obra o descreve como um neurótico ainda mais obsessivo que o retrato mais exagerado dos seus filmes. Revelou que ele chegava a tomar banho embrulhado num plástico com medo se contaminar com germes.

Happy End

Há mais gente que não esboça sequer um sorriso com as piadas sofisticadas de Woody Allen. E há quem diga que ele já está se tornando demasiadamente repetitivo. Marcio Motokane, coordenador de Interprogramas do Canal Futura, formado em Cinema pela USP, estudou a fundo o cineasta durante um ano e meio. Ele critica o estilo de Woody Allen, dizendo que o cineasta utiliza estereótipos do grotesco para fazer humor. "Isso não tem nada de cômico e contribui para estimular o preconceito", diz. Motokane afirma ainda que o cineasta tem medo do inovador, do desconhecido, usa hipocritamente o cinema para intelectuais e que sua construção de personagens e enredos está para lá de repetitiva. "Hoje Woody Allen não tem mais o que contar".

Críticas à parte, o que importa é que Allen continua produzindo bons filmes pelo menos uma vez por ano. Em maio de 2002, ele abriu o Festival de Cannes com *Hollywood Ending*. O personagem principal do filme, interpretado pelo próprio Allen, é um diretor de cinema neurótico que vive em Nova York (!). Ele fica cego por causa da ansiedade para finalizar a obra, e como precisa do emprego, esconde de todos sua condição. A piada-metáfora do diretor cego que é rei em Hollywood domina o filme.

Nada nem ninguém do mundo cinematográfico escapa da língua afiada de Allen. Nem mesmo o espectador: "Por que o país ficou tão estúpido de repente? Meu palpite é a *fast food*".

Pelo visto ainda vamos encontrar muitos dos seus "eus" disfarçados por aí. E muita gente vai continuar rindo do seu humor peculiar e da sua cara de pobre-coitado. Pelo menos enquanto ele continuar falando do cara que "funciona perfeitamente na ficção mas não funciona direito na realidade". Ainda bem.

FILMOGRAFIA

- O que é que há, Gatinha? (1965)
- *What's Up, Tiger Lily?* (1966)
- *Cassino Royale* (1967)
- Um Assaltante Bem Trapalhão (*Take the Money and Run*, 1969)
- Men of Crisis: The Harvey Wallinger Story (1971, para a TV)
- Bananas (1971)
- Tudo que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo (*Everything You Always Wanted to Know About Sex*, 1972)
- O Dorminhoco (*Sleeper*, 1973)
- A Última Noite de Boris Grushenko (Love and Death,1975)
- Noivo Neurótico, Noiva Nervosa (Annie Hall, 1977)
- Interiores (*Interiors*, 1978)
- Manhattan (1979)
- Memórias (*Stardust Memories*, 1980)
- Sonhos Eróticos de uma Noite de Verão (*A Midsummer Night's Sex Comedy*, 1982)
- Zelig (1983)

- Broadway Danny Rose (1984)
- A Rosa Púrpura do Cairo (*The Purple Rose of Cairo*,1985)
- Hannah e Suas Irmãs (*Hannah and Her Sisters*, 1986)
- Rei Lear (*King Lear*, 1987)
- Setembro (*September*, 1987)
- A Era do Rádio (*Radio Days*, 1987)
- A Outra (*Another Woman*, 1988)
- Contos de Nova York (*New York Stories*, 1989, 3.ª história)
- Crimes e Pecados (*Crimes and Misdemeanors*, 1989)
- Simplesmente Alice (*Alice*, 1990)
- Maridos e Esposas (*Husbands and Wives*, 1992)
- Neblina e Sombras (*Shadows and Fog*, 1992)
- Um Misterioso Assassinato em Manhattan (*Manhattan Murder Mystery*, 1993)
- Tiros na Broadway (*Bullets Over Broadway*, 1994)
- Don't Drink the Water (1994, para a TV)
- Poderosa Afrodite (*Mighty Aphrodite*, 1995)
- Todos Dizem Eu Te Amo (*Everyone Says I Love You*, 1996)
- Desconstruindo Harry (*Deconstructing Harry*, 1997)
- Wild Man Blues (documentário dirigido por Barbara Kopple)
- Celebridade (*Celebrity*, 1998)
- Poucas e Boas (*Sweet and Lowdown*, 2000)
- Trapaceiros (*Small Time Crooks*, 2000)
- Picking Up The Pieces (não lançado no Brasil, 2000)
- O escorpião de jade (*The Curse of the Jade Scorpion*, 2001)
- Hollywood Ending (2002)